

AURORA DA EUROPA



MUITO ANTES DE ROMA

RAFAEL R. S. GASQUES

Autor Rafael R. S. Gasques

Nome para citações: GASQUES, R. R. S

Diagramação e Edição - Editora Cedrazul

SãoBernardodo Campo, SãoPaulo Brasil - 2025

© Rafael Ramires Santos Gasques.

Todos os direitos reservados

Este e-book é protegido por direitos autorais. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia por escrito do autor, exceto para citações curtas em artigos, resenhas ou trabalhos acadêmicos, desde que seja devidamente creditada a fonte. As informações contidas neste livro têm caráter educativo e informativo. O autor não se responsabiliza por interpretações ou usos indevidos do conteúdo.

As imagens utilizadas neste e-book foram obtidas de bancos de dados de uso livre ou licenciadas para uso em publicações digitais. Todas as fontes e créditos das imagens estão devidamente mencionados dentro do texto ou nas legendas.

Contato: rafael.educa.editora@gmail.com

ÍNDICE

1. Prefácio
2. As primeiras culturas agrícolas
3. Os povos do Oeste
4. Os povos do Norte e do Leste
5. O mundo que Roma encontrou
6. Glossário
7. Referência bibliográficas
8. Sobre o autor



Este e-book é um convite para viajar no tempo e descobrir a riqueza cultural dos povos que moldaram a Europa antes do domínio romano. Aqui, você encontrará histórias de sociedades complexas, suas crenças, artes e legados que ainda hoje influenciam o mundo em que vivemos.

Convido você a ler com atenção, refletir sobre as conexões entre passado e presente e se deixar fascinar pela diversidade histórica que tantas vezes passa despercebida. Boa leitura!

RAFAEL R. S. GASQUES

PREFÁCIO

Nas planícies e montanhas, pequenas comunidades agrícolas começaram a surgir a partir de cerca de 10.000 a.C., no período conhecido como Neolítico. Esses primeiros agricultores e pastores domesticaram animais, cultivaram cereais e criaram aldeias permanentes. Ao mesmo tempo, deixaram suas marcas no mundo, criando pinturas rupestres, monumentos megalíticos e artefatos cerâmicos cheios de simbolismo, que posteriormente inspirou grandes civilizações e chegariam até nós em tempos modernos. A partir da Idade do Bronze, por volta de 3000 a.C., algumas culturas europeias já haviam desenvolvido técnicas avançadas de metalurgia, arquitetura e navegação que impressionam.

Com culturas próprias, línguas distintas e mitologias ricas. Neste livro pretendo traçar um panorama dessas culturas, mostrando como a Europa era antes do domínio romano.

Ao explorar suas aldeias, templos, rituais e conflitos, veremos que a história é muito mais antiga, complexa e fascinante do que podemos imaginar.

AS PRIMEIRAS CULTURAS AGRÍCOLAS



NEOLÍTICO E IDADE DO BRONZE

Com o fim da última glaciação, por volta de 10.000 a.C., a paisagem da Europa começou a se transformar. As vastas florestas substituíram as planícies geladas, permitindo a fixação de grupos humanos que até então viviam da caça e da coleta. Nesse cenário, surgiu uma das maiores revoluções da história: a domesticação de plantas e animais.

O Neolítico europeu (aprox. 6.500 – 3.000 a.C.) marca a transição para a agricultura e a criação de vilarejos permanentes. Espécies como o trigo, a cevada e as leguminosas foram cultivadas, enquanto ovelhas, cabras e bovinos eram domesticados. Essa mudança alterou profundamente a organização social: agora as comunidades não dependiam apenas da mobilidade, mas podiam acumular excedentes, desenvolver especializações e consolidar tradições locais.

Já na Idade do Bronze (a partir de 3.200 a.C. em algumas regiões), a introdução da metalurgia trouxe novos avanços. O bronze, obtido da liga de cobre e estanho, permitiu a fabricação de ferramentas mais eficientes e armas mais resistentes, favorecendo o comércio e as relações entre povos distantes. Esse período inaugurou uma rede de trocas que conectava a Europa a regiões tão distantes quanto o Oriente Próximo, mostrando que, já antes de Roma, o continente não era isolado, mas parte de um sistema mais amplo de contatos culturais.

Muito antes das aldeias neolíticas, a espiritualidade humana já se expressava por meio da arte. As pinturas rupestres da Europa são testemunhos desse universo simbólico. As mais conhecidas, encontradas em cavernas como Lascaux e Chauvet, na França, e Altamira, na Espanha, datam de 30.000 a 12.000 a.C. Elas retratam animais como bisões, cavalos e cervos, muitas vezes em movimento, sugerindo não apenas uma função estética, mas também ritual. Para esses grupos, a caça não era apenas subsistência: era um elo vital entre o homem e a natureza. Muitos estudiosos acreditam que as pinturas funcionavam como uma forma de magia simpática, uma maneira de “garantir” o sucesso da caçada. Outros interpretam as cavernas como espaços sagrados, verdadeiros templos naturais onde se realizavam rituais de iniciação e contato com o invisível. Mesmo no Neolítico, a espiritualidade continuou a ser central, mas agora relacionada também à fertilidade da terra, ao ciclo das estações e ao poder do sol. Isso se refletiria mais tarde nos monumentos megalíticos, que uniam técnica construtiva e cosmologia.

WikiCommons



**UMA INTERPRETAÇÃO MODERNA DO BISÃO
DO TETO DA CAVERNA DE ALTAMIRA,
ESPANHA**

WikiCommons



**UM CAVALO DE LASCAUX. RÉPLICA NO MUSEU
ANTHROPOS, FRANÇA**

Poucos símbolos são tão impressionantes do passado europeu quanto os monumentos megalíticos. Construídos entre 4.500 e 2.000 a.C., essas enormes estruturas de pedra exigiram organização social, trabalho coletivo e um profundo conhecimento do ambiente. Stonehenge (Inglaterra): Erguido em fases sucessivas, é composto por blocos de até 40 toneladas, alinhados com os solstícios de verão e inverno. Mais do que um observatório astronômico, acredita-se que tenha sido um centro cerimonial ligado à morte e à renovação cíclica da vida. Carnac (França): Na Bretanha, milhares de menires estão dispostos em longas fileiras que se estendem por quilômetros. A função exata ainda é debatida: poderia ser tanto um espaço ritual quanto um marco territorial de grande significado comunitário.

Malta: As ilhas abrigam templos megalíticos como Hagar Qim e Mnajdra, datados de cerca de 3.600 a.C., anteriores até às pirâmides do Egito. Ricamente decorados, revelam uma arquitetura voltada à espiritualidade e ao culto da fertilidade. Essas construções demonstram que, já antes da escrita e dos impérios, havia uma profunda preocupação com a ordem cósmica e a ligação entre a comunidade e o divino.



O FAMOSO STONEHENGE, NA GRÃ-BRETANHA

Com a fixação ao solo, a Europa viu nascer suas primeiras aldeias agrícolas. Locais como Çatalhöyük (na Anatólia, hoje Turquia, ainda às portas da Europa) e, mais tarde, os povoados da cultura de Linearbandkeramik (LBK) na Europa Central, mostram como esses grupos começaram a organizar a vida comunitária.

As casas eram geralmente construídas em madeira, barro e palha, dispostas em torno de áreas comuns. Os vilarejos contavam com celeiros para armazenamento, indício de que a produção agrícola já sustentava excedentes. A vida em comunidade trouxe novos desafios: surgiram desigualdades sociais, conflitos por terras férteis e a necessidade de regras coletivas.

Essas aldeias também foram o berço de práticas que moldariam toda a história europeia: a divisão de trabalho, a herança cultural transmitida entre gerações e os primeiros passos da religiosidade organizada. Em cada pequeno vilarejo, plantava-se não apenas grãos, mas também as sementes da civilização.

OS POVOS DO OESTE



TARTÉSSIOS, ÍBEROS E CELTÍBEROS

A Península Ibérica, antes de se transformar num dos palcos da expansão romana, era um mosaico de povos com identidades próprias, economias dinâmicas e intensa ligação com o Mediterrâneo. No “oeste” deste mundo antigo especialmente no sudoeste e sul da Península destacam-se três grupos que exercem papel central na história pré-romana: os Tartéssios, os Íberos e os Celtíberos. Cada um deles apresenta traços culturais, sociais e econômicos que ajudam a entender como o território ibérico se conectou ao mundo fenício, grego, cartaginês e, mais tarde, romano. Os tartéssios estão associados ao sudoeste da Península Ibérica a região do baixo Guadalquivir (atual Andaluzia) até partes do Algarve e prosperaram sobretudo entre o final da Idade do Bronze e a primeira Idade do Ferro (aprox. final do 1º milênio a.C., com maior visibilidade entre os séculos IX–VI a.C.). Economia e contatos: O elemento mais marcante do mundo tartéssio é a riqueza metálica: prata, estanho, cobre e chumbo circulavam abundantemente. Essa riqueza atraiu navegadores e comerciantes do Mediterrâneo sobretudo os fenícios e, mais tarde, os gregos que estabeleciam entrepostos, trocavam cerâmica fina, produtos têxteis e objetos de luxo por metais.

Escrita e identidade: No sudoeste surgem inscrições em um alfabeto conhecido como “escrita do sudoeste” (ou tartéssico/sudo-ibérico), cuja interpretação ainda é objeto de estudo. Essa evidência epigráfica reforça a ideia de registos locais, embora muitos aspectos da língua e da identidade política permaneçam debatidos. Declínio: A visibilidade tartéssia declina a partir do século VI–V a.C., possivelmente por mudanças nas rotas comerciais, pressão de potências externas (como Cartago) e transformações internas. Ainda hoje há debates sobre a localização exata de algumas cidades citadas nas fontes antigas, e sobre quanto da narrativa tradicional mistura história e mito.

Os povos que os romanos e gregos chamaram genericamente de “íberos” ocupavam principalmente a costa leste e parte do sul da Península (a faixa que vai de Catalunha até a Andaluzia oriental). Sua presença com traços culturais bem definidos se afirma entre os séculos VII–I a.C.

Os íberos construíram oppida povoados fortificados e, por vezes, cidades densas com uma economia agrária robusta (azeite, vinhos, cereais), comércio marítimo e atividade metalúrgica. Havia uma nítida diferenciação social: elites urbanas que ostentavam riqueza em vida cotidiana e nos funerais.

Um dos traços notáveis é a existência de escritas ibéricas (divididas em variantes do nordeste e do sudeste). As escritas foram decifradas até certo ponto (permitem leitura fonética), mas a filiação da língua ibérica ainda não foi ligada com segurança a nenhuma família linguística maior é uma língua pré-romana com características únicas. As inscrições aparecem em tábuas, estelas, cerâmicas e pequenas peças de metal. Arte e iconografia: A arte íbera é muito expressiva: esculturas funerárias policromadas (como a famosa Dama de Elche e a Dama de Baza), estatuária de cavalos e guerreiros, plaquetas de bronze e decoração cerâmica. Esses objetos revelam um gosto por representação figurada, rituais de culto aos mortos e simbolismo de poder. Religião e funerária: As necrópoles mostram práticas funerárias complexas, com túmulos ricos em oferendas armas, joias, cerâmicas e, em alguns casos, figuras esculpidas que acompanhavam o defunto. A religiosidade íbera também evidencia sincretismos com deuses fenícios e mais tarde cartagineses: a presença de santuários e uma espiritualidade centrada em cultos locais e relações com a terra. Interações externas: Ao longo do 1º milênio a.C., os íberos mantiveram intensa relação com fenícios e gregos, importando cerâmicas, ânforas e modelos artísticos.

Na virada para a era romana, muitos povos íberos se envolveram nas redes políticas e militares da época alguns aliados de Cartago durante as Guerras Púnicas, outros negociando com Roma até serem progressivamente romanizados.



RUÍNAS DE CARTAGO

Os celtíberos emergem como um grupo cultural híbrido no interior da Península sobre a Meseta central e zonas transversais resultado do encontro entre populações de origem celta (vindas, em ondas, do norte e centro da Europa) e povos pré-existentes da Península. Sua maior projeção cronológica ocorre durante o 1º milênio a.C., até a conquista romana. Ao contrário do misterioso idioma ibérico, o celtibérico é claramente uma língua celta um ramo indo-europeu atestado em inscrições em escrita celtibérica (um derivado alfabético adaptado à língua). Essas inscrições em pedra e cerâmica fornecem provas diretas de uma língua celta hispânica distinta.

Os celtíberos viviam em oppida fortificados (castros ou “cerros”), com zonas agrícolas ao redor e forte tradição pastoral. A vida comunitária era marcada por clãs e chefias, e há evidências arqueológicas de cidades fortificadas que funcionavam como centros políticos e militares regionais.

Sociedade guerreira e metalurgia: Os relatos clássicos destacam o valor militar dos celtíberos e sua habilidade com armas de metal. Produziam espadas e lanças de alta qualidade; a célebre falcata (uma lâmina recurvada) e o uso de armas próprias tornaram-nos temidos. Além disso, a cunhagem de moedas locais e habilidade em metalurgia mostram uma economia técnica e integrada.

Resistência e confrontos com Roma: os tornaram famosos pela resistência a Roma durante as chamadas Guerras Celtibéricas (século II–I a.C.). Um dos episódios mais notórios é o cerco e queda de Numância (133 a.C.), símbolo da tenacidade celtibérica diante do poder romano. Após décadas de conflitos, assimilação e tratados, a romanização avançou, transformando estruturas políticas e sociais. A religiosidade celtibérica mistura elementos celtas culto a divindades ligadas à natureza, práticas de sacralização do território e cerimônias ligadas a ciclos sazonais com traços locais da Península. Os achados votivos e santuários em zonas altas confirmam um universo espiritual conectado às comunidades e à terra. Embora discursivamente distintos, Tartéssios, Íberos e Celtíberos não existiam em isolamento. Havia redes de troca de metais, sal, cerâmica e ideias que ligavam o interior ao litoral, e o litoral ao Mediterrâneo largo: fenícios, gregos e cartagineses penetraram essas redes, introduzindo objetos, técnicas e modelos políticos. Quando chegaram os romanos, encontraram um tabuleiro já muito movimentado: povos com experiência urbana, economias monetárias, elites militares e tradições artísticas. A romanização, portanto, foi uma camada a mais sobre um substrato cultural diverso e muitos traços (topônimos, práticas agrícolas, artesanato) sobreviveriam e se transformariam ao longo dos séculos.

POVOS DO NORTE E DO LESTE



CELTAS, GERMÂNICOS PRIMITIVOS,
TRÁCIOS, ILÍRIOS

O mosaico europeu antes da expansão romana não era apenas formado por sociedades agrícolas e litorâneas ligadas ao Mediterrâneo. Ao norte e ao leste do continente floresciam povos que deixaram marcas profundas na cultura, na língua e até na identidade moderna da Europa. Celtas, germânicos primitivos, trácios e ilírios representavam universos distintos, mas todos foram decisivos para moldar os rumos da história europeia. Os Celtas não eram um povo único, mas um conjunto de comunidades interligadas por língua, costumes e crenças. Sua origem remonta à cultura de Hallstatt (c. 800–500 a.C.), centrada na região alpina, e à cultura de La Tène (c. 500–50 a.C.), que expandiu sua influência para praticamente toda a Europa central, ocidental e até para as Ilhas Britânicas. Em tribos e clãs, com uma elite guerreira e uma forte tradição oral. A figura dos druidas, sacerdotes que concentravam funções religiosas e jurídicas, revela uma espiritualidade voltada à natureza, ao culto de rios, bosques e divindades múltiplas. As aldeias celtas (oppida) eram centros fortificados que funcionavam como núcleos comerciais. Produziam ferramentas de ferro, armas, joias em bronze e vidro colorido. A arte celta destaca-se pelos padrões geométricos e estilizados, que expressavam uma estética abstrata e complexa.

No norte da atual Alemanha, Dinamarca e sul da Escandinávia, desenvolveram-se os primeiros povos germânicos. Suas raízes estão ligadas à Idade do Bronze nórdica e, mais tarde, à Idade do Ferro (c. 500 a.C. em diante). Diferente dos Celtas, os germânicos se expandiram mais tarde, mas já eram conhecidos dos romanos como povos guerreiros, vivendo em florestas densas e regiões frias. Eram comunidades agrícolas e pastorís, com forte dependência da criação de gado, caça e cultivo de cereais. O poder era dividido entre chefes tribais, assembleias de guerreiros e uma aristocracia militar que ganhava destaque em tempos de conflito.

As divindades germânicas estavam ligadas à guerra, à natureza e ao destino. Figuras como Wodan (Odin) e Donar (Thor) surgem em tradições posteriores, mas já refletem um panteão guerreiro e xamânico que moldava a visão de mundo desses povos. Desde o século I a.C., os romanos sentiram o impacto germânico: tribos como os Cimbros e Teutões desafiaram o poder romano, prenunciando séculos de choques.

Os Trácios habitavam o que hoje corresponde à Bulgária, Romênia e parte da Grécia e Turquia europeia. Eram descritos já por Heródoto (século V a.C.), que os considerava um dos povos mais numerosos do mundo antigo, atrás apenas dos indianos. A sociedade trácia era composta por tribos, muitas vezes em rivalidade, mas compartilhando tradições comuns. Sua elite guerreira destacou-se pelo uso de cavalaria leve, arcos e armamento variado.

Os trácios possuíam cultos ligados à morte e à vida após a morte. Necrópoles ricamente adornadas, túmulos em montículos e representações de cavaleiros divinizados mostram uma religiosidade complexa. Pela posição estratégica, os Trácios foram frequentemente aliados ou adversários de gregos, persas e, mais tarde, romanos. Sua cultura material mesclava elementos locais com influências helênicas, evidenciando o contato constante com o Mediterrâneo.

Os Ilírios ocupavam a região dos Bálcãs ocidentais, especialmente a atual Croácia, Bósnia, Albânia e Montenegro. Sua presença é atestada desde a Idade do Bronze até a conquista romana. Combinavam a agricultura em vales férteis com o pastoreio nas áreas montanhosas. No litoral do Adriático, alguns grupos ilírios se dedicaram à navegação e ao comércio marítimo, o que os colocou em contato com gregos e etruscos.

Organizados em tribos, os ilírios eram conhecidos por sua habilidade guerreira, especialmente como mercenários. A pirataria adriática também lhes rendeu fama e conflitos com Roma, que no século III a.C. lançou campanhas militares para controlar a região. Com a romanização, muitos elementos da cultura ilíria desapareceram ou foram assimilados, mas toponímias e algumas tradições sobrevivem indiretamente na região balcânica.

O norte e o leste da Europa antes de Roma eram terras de diversidade cultural. Os Celtas estendiam sua influência pela Europa central e ocidental; os Germânicos primitivos despontavam como futuros protagonistas da Antiguidade Tardia; os Trácios ligavam os Bálcãs ao mundo grego; e os Ilírios controlavam rotas estratégicas do Adriático. Embora distintos, todos esses povos partilhavam de uma mesma característica: a habilidade de se adaptar, guerrear e negociar, formando o pano de fundo contra o qual Roma teria de se expandir.

O MUNDO QUE ROMA ENCONTROU



CONCLUSÃO

Quando Roma começou a expandir-se para além da península Itálica, não encontrou um vazio a ser preenchido, mas sim um mosaico vibrante de povos, culturas e tradições. Do Atlântico ao Mar Negro, do Báltico ao Mediterrâneo, cada região da Europa guardava uma história própria, marcada por séculos de adaptação ao meio ambiente, pela invenção de rituais espirituais e pelo surgimento de formas complexas de organização social. Os povos do Oeste, como os Tartéssios, os Íberos e os Celtíberos, já haviam criado redes de comércio e um contato estreito com as civilizações mediterrâneas. No Norte e Leste, os Celtas, Germânicos, Trácios e Ilírios representavam sociedades vigorosas, algumas nômades, outras fixas, mas sempre prontas a defender seus territórios e suas tradições.

O mundo pré-romano foi, portanto, um terreno fértil de encontros e tensões. Monumentos megalíticos, tradições orais, aldeias fortificadas e rituais religiosos mostravam que havia uma identidade europeia plural em gestação, muito antes do advento da Pax Romana.

Quando as legiões romanas chegaram, encontraram um continente em plena transformação: sociedades tribais que já conheciam a metalurgia, cidades que surgiam como centros de poder regional e rotas de comércio que cruzavam mares e rios. Roma não apagou completamente esse passado ao contrário, herdou, assimilou e ressignificou grande parte dele. Entender esse cenário é compreender que a Europa não nasceu apenas com Roma, mas que Roma foi moldada pelo mundo que encontrou.

GLOSSÁRIO

Tartéssios – Civilização do sudoeste da Península Ibérica, conhecida por seu comércio avançado e riqueza mineral.

Íberos – Povos antigos da Península Ibérica, organizados em tribos, com uma cultura própria e contato frequente com os gregos e fenícios.

Celtas – Conjunto de tribos da Europa Central e Ocidental, conhecidos por sua tradição guerreira, mitologia rica e artesanato detalhado.

Germânicos – Povos do norte da Europa, com sociedade tribal, forte tradição oral e estruturas familiares marcantes.

Trácios – Povos do sudeste europeu, localizados principalmente na região que hoje é Bulgária, Grécia e Turquia, famosos por suas práticas artísticas e rituais religiosos.

Ilírios – Tribos do litoral adriático e dos Bálcãs, com sociedades militares e comerciais influentes na Antiguidade.

Roma Antiga – Civilização da península Itálica que expandiu seu domínio por grande parte da Europa, encontrando e interagindo com diversas culturas.

Legado Cultural – Conjunto de contribuições de uma civilização que permanecem na história e na sociedade atual.

Pré-romano – Período histórico anterior à conquista ou influência de Roma em determinada região.



REFERÊNCIAS

CUNLIFFE, Barry. Os Celtas: uma história. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

DÍAZ-ANDREU, Margarita; KEAY, Simon. The Archaeology of Iberia: The Dynamics of Change. London: Routledge, 1997.

GAMBLE, Clive. Archaeology: The Basics. 2. ed. London: Routledge, 2008.

GREEN, Miranda. The World of the Druids. London: Thames & Hudson, 1997.

HARDING, Anthony. The Bronze Age in Europe: Archaeology of Europe. London: Routledge, 2000.

JONES, Prudence; PENNICK, Nigel. A History of Pagan Europe. London: Routledge, 1995.

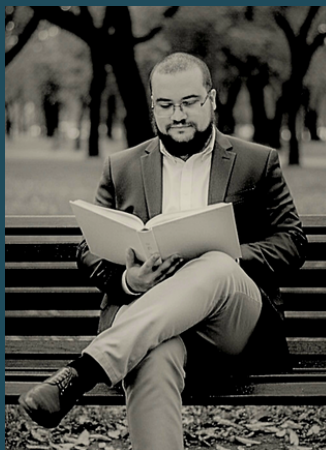
KRUTA, Venceslas. Os Celtas: História e Civilização. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MALLORY, J. P. In Search of the Indo-Europeans: Language, Archaeology and Myth. London: Thames & Hudson, 1989.

RENFREW, Colin. Archaeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins. London: Jonathan Cape, 1987.

TODOROVA, Henrieta. The Eneolithic Period in Bulgaria in the Fifth Millennium B.C. Oxford: British Archaeological Reports, 1986.





Rafael Ramires S. Gasques

Historiador e Professor com atuação em ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Humanidades. Dedicase aos temas de Filosofia, Ética, História, Filosofia do Direito e Educação, com interesse em interdisciplinaridade, teoria crítica, historiografia e fundamentos das ciências humanas. Participa de grupos de pesquisa voltados ao diálogo entre filosofia, indivíduo e sociedade, além de desenvolver atividades de formação docente e extensão universitária. Possui experiência em produção e coordenação editorial de periódicos e livros, revisão textual, leitura crítica e tradução. Busca contribuir para o ensino superior e para a produção de conhecimento crítico e de excelência acadêmica.

